



Modernismo: ruptura e manutenção

Dinâmica 3

3ª Série | 2º Bimestre

Aluno

DISCIPLINA	SÉRIE	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	3ª de Ensino Médio	Modernismo: transgressão, ruptura, manutenção.	Relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ou ao contexto social.

DINÂMICA	Modernismo: ruptura e manutenção.
HABILIDADE PRINCIPAL	H13 – Relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ou ao contexto social.
HABILIDADE ASSOCIADA	H02 – Inferir o sentido de palavra ou expressão.
CURRÍCULO MÍNIMO	Identificar o caráter de transgressão/manutenção presente na literatura modernista.

Caro/a aluno/a, estas são as fases que seu professor desenvolverá com a sua turma:

ETAPAS		ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO
1	Apresentação, leitura dos textos e debate orientado.	Leitura em voz alta e debate orientado.	30 min	Toda a turma.	Oral/ Coletivo.
2	Análise de textos, exercícios e sistematização.	Formação de duplas, desenvolvimento de questões e sistematização durante a correção.	30 min	Dupla.	Escrito.
3	Autoavaliação.	Vestibular UERJ/2009 (questões adaptadas).	20 min	Individual.	Escrito.
4	Etapa opcional.	Produção textual.	A critério do professor.	Individual.	Escrito.

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Textos para leitura e exercícios disponíveis nos materiais do professor e do aluno.

ETAPA 1

APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA, LEITURA E DISCUSSÃO DOS TEXTOS

LEITURA EM VOZ ALTA E DEBATE ORIENTADO

1922. Centenário da Independência do Brasil. Momento de autorreflexão e de questionamentos em relação à liberdade alcançada com o grito do Ipiranga e à existência de um Estado de fato democrático. O movimento modernista surge no Brasil da insatisfação dominante diante de um estado de coisas nada animador. A expressão da arte e do pensamento se preocupou, a partir desse momento, com a denúncia não só da marginalização de uma grande parte da população como do sub-desenvolvimento do país.

Como sabemos, 1922 é também o ano em que foi realizada, no Teatro Municipal de São Paulo, a Semana de Arte Moderna (de 11 a 17 de fevereiro), marco inicial de um período de rupturas e de renovação no meio artístico-cultural. Nessa mostra, estiveram presentes artistas que mais tarde ficariam muito famosos, como Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Graça Aranha (literatura), Villa-Lobos (música), Anina Malfati e Di Cavalcanti (pintura), entre outros.

A Semana de Arte Moderna teve uma repercussão positiva. Embora não tivessem o apoio do público, que não entendia as propostas revolucionárias nos diversos campos de expressão, parte da elite paulista da época interessou-se pelas novas ideias, dando apoio econômico e social ao grupo modernista e possibilitando, assim, que fosse dada continuidade aos trabalhos iniciados.

Comumente, no Brasil, o Modernismo é dividido em três gerações segundo as características preponderantes em cada momento. Nesta dinâmica, nos ateremos à primeira delas. Marcada pela ousadia e pela inovação, a primeira geração, que vai de 1922 a 1930, é conhecida como “fase heroica” e se caracteriza pela necessidade de romper com as velhas fórmulas, chocar o público e divulgar as novas ideias. Todos esses elementos concorrem para um objetivo maior, que é construir uma nacionalidade genuinamente brasileira. A fase heroica é a mais nacionalista do Modernismo. Para alcançar esse objetivo, a poesia é considerada o principal veículo de expressão, apresentando como características principais a utilização do/a: verso livre; livre associação de ideias; irreverência, humor e polêmica; valorização do cotidiano; incorporação do presente; aproximação da prosa; linguagem coloquial; nacionalismo crítico.

Nesta fase, você vai ler fragmentos de um importante gênero textual bastante utilizado como instrumento da campanha nacionalista nas artes e no pensamento modernista: os manifestos. Vai também ler o fragmento de um poema de Manuel Bandeira que expõe explicitamente o programa de expressão linguística do Modernismo, além de poder comparar o olhar nacionalista lançado sobre o Brasil, a partir de 1922, com o saudosismo melancólico de Policarpo Quaresma no romance célebre de Lima Barreto.

Mãos à obra, então!

TEXTO I

Manifesto poesia Pau-Brasil (Fragmento)

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

O carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. (...) A formação étnica rica. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

(...)

A nunca exportação da poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. (...)

A poesia Pau-Brasil ágil e cândida. Como uma criança.

(...)

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.

Uma única luta – a luta pelo caminho. Dividamos: poesia de importação. E a poesia Pau-Brasil, de exportação.

Houve um fenômeno de democratização estética nas cinco partes sábias do mundo. Instituíra-se o naturalismo. (...) Quadro de carneiros que não fosse lã mesmo, não prestava. A interpretação do dicionário oral das Escolas de Belas Artes queria dizer reproduzir igualzinho (...).

Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano.

(...)

O trabalho contra o detalhe naturalista – pela síntese; contra a morbidez romântica – pelo *equilíbrio* geométrico e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela *invenção* e pela *surpresa*.

(...)

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres.

(...)

ANDRADE, Oswald. In: TELLES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1994, p. 326-330.

VOCABULÁRIO	
CASEBRE	Uma casa pequena e miserável.
AÇAFRÃO	Um tipo de erva usada como tempero e corante amarelo.
OCRE	Terra argilosa colorida (amarela ou vermelha).

TEXTO II

Manifesto Antropófago (Fragmento)

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

(...)

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos dos homens.

(...)

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

(...)

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: – É mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

ANDRADE, Oswald. In: TELLES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 353-357.

VOCABULÁRIO	
CARAÍBA	Refere-se tanto a uma das comunidades indígenas com a qual os primeiros portugueses fizeram contato quando do Descobrimento do país quanto a uma grande família linguística a que pertenciam várias tribos brasileiras.
PADRE ANTÔNIO VIEIRA (LISBOA, 1608-1697)	Oswald refere-se à investida político-econômica na exploração do açúcar maranhense durante o período colonial, a qual beneficiou a metrópole e deixou a então colônia na miséria.
VISCONDE DE CAIRU	José da Silva Lisboa, economista do início do século XIX que adotou a política liberal do Marquês de Pombal e se posicionou contra a presença dos jesuítas no Brasil.
CRUZADOS	Moeda portuguesa feita de ouro ou prata.
JABUTI	Réptil da família das tartarugas que habita as matas brasileiras e, nas religiões indígenas, representa força e perseverança.

TEXTO III

Requerimento do Major Quaresma

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo, no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênica para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

In: BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 2001, p. 52-53.

TEXTO IV

Poética (Manuel Bandeira)

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor.

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o
cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas.

(...)

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.

Caleidoscópio

Policarpo Quaresma: um nacionalista Quixotesco (adaptação)

*Policarpo Quaresma, protagonista de **Triste fim de Policarpo Quaresma**, de Lima Barreto, é um major que trabalha como subsecretário do Arsenal de Guerra. Sua cegueira, contudo, é a pátria. Interessa-se pelas tradições e costumes do povo brasileiro, é um estudioso das coisas do Brasil, tem uma vasta biblioteca de clássicos sobre a fauna e a flora brasileira e conhece a obra completa dos grandes escritores nacionais. Esse patriotismo desmedido é ridicularizado por todos aqueles com quem convive, os quais são incapazes de perceber a pureza de seu idealismo.*

*Em **Policarpo...**, é tematizado o embate entre o real e o ideal. O personagem é um idealista, assumindo, por vezes, ares de visionário louco por não pensar em si ou em sua carreira e por não tentar obter nenhum tipo de vantagem pessoal.*

Seu único objetivo é o engrandecimento do Brasil, mas acaba tendo seu “triste fim” quando perde todos os seus ideais ao perceber que dedicou sua vida a uma causa inútil.

A desilusão de Policarpo identifica-se à do próprio autor, que morreu defendendo que as regras tradicionais dos gêneros textuais deveriam ser deixadas de lado pelos escritores em prol da reforma dos usos da língua.

In: ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela. **Literatura brasileira**: tempos, leitores e leituras. São Paulo: Moderna, 2005.



ETAPA 2

ANÁLISE DE TEXTOS, EXERCÍCIOS E SISTEMATIZAÇÃO

FORMAÇÃO DE DUPLAS, DESENVOLVIMENTO DE QUESTÕES E SISTEMATIZAÇÃO DURANTE A CORREÇÃO

Nesta fase, a turma irá trabalhar em dupla. O objetivo de se desenvolver um trabalho como este é estimular a capacidade de ouvir o outro e de argumentar. Portanto, para que você e seu parceiro tenham êxito não só na resolução das questões, mas também no desenvolvimento dessas capacidades, será de suma importância a cooperação mútua entre vocês.

Mãos à obra!

Após dividirem-se em duplas, leia atentamente as questões com seu par e responda-as com base em tudo o que foi discutido. Lembre-se de que há um tempo limite para a resolução das questões e que vocês deverão controlá-lo. O/A professor/a está a sua disposição para auxiliar caso haja alguma dúvida.

1. Correlacione as colunas de modo a identificar as características da literatura moderna (coluna A) referidas nas passagens retiradas dos **Manifestos poesia Pau-Brasil** e **Antropófago** – respectivamente, Texto I e II (coluna B). Atenção: As características da coluna A podem aparecer mais de uma vez na coluna B.

Coluna A	Coluna B
1- Livre associação de ideias.	() “A poesia existe nos fatos.”
2- Valorização do cotidiano.	() “O trabalho contra o detalhe naturalista – pela síntese; contra a morbidez romântica – pelo equilíbrio geométrico e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela invenção e pela surpresa.”
3- Crítica às fórmulas literárias e à tradição literária precedente.	() “O carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. (...) A formação étnica rica. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.”
4- Crítica à exportação dos modelos europeus.	() “Nenhuma fórmula para contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres.”
5- Valorização da cultura nacional.	() “Lei do homem. Lei do antropófago.”
	() “Queremos a Revolução Caraíba (...). Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.”
	() “Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano.”

2. Sabendo que a palavra **antropofagia**, em seu sentido literal, refere-se à prática ritualística de canibalismo entre seres humanos, explique, com suas palavras, a metáfora empregada por Oswald de Andrade.

3. “Tupy, or not tupy that is the question.”

- a. Explique a seguinte afirmação:

A paródia da frase de Hamlet, célebre personagem de Shakespeare, é um exemplo de antropofagia.

- b. Qual é a relação entre o projeto nacionalista de Policarpo Quaresma e a proposta presente em “Tupy, or not tupy”?

4. “Poética”, de Manuel Bandeira, é considerado por algumas pessoas como uma espécie de manifesto do movimento modernista brasileiro de 1922. Considere na proposta estética desse movimento a utilização da linguagem coloquial e a valorização do cotidiano. Em seguida, relacione “Poética” (Texto IV) a passagens do **Manifesto poesia Pau-Brasil**.

SISTEMATIZAÇÃO

Nesta dinâmica, foram abordados os aspectos de *ruptura* e de *manutenção* presentes no movimento modernista. Vimos que uma nova proposta estética não surge do nada.

Novas propostas se estabelecem a partir da contestação de situações estabelecidas, propondo-se mudanças nas bases do pensamento.

Ruptura no Modernismo – O movimento modernista rompe com ideais nacionalistas ligados à tradição. Sua literatura critica severamente o lirismo romântico e sua idealização do passado, principalmente do indígena, sua arte ligada aos padrões europeus e o sentimentalismo artificial, distante da vida cotidiana. Volta-se contra o artificialismo da poesia parnasiana, com seu culto à forma e ao rebuscamento, pregando a liberdade criativa e a inventividade linguística.

Manutenção no Modernismo – Mantém-se o foco na identidade nacional, que assume uma feição crítica: propõe-se o abandono dos elementos anteriormente identificados com a idealização da nacionalidade brasileira (o indígena e a língua), em benefício de uma identidade aberta e elaborada na pluralidade, produto da vida cotidiana, da contribuição de todos os estratos sociais, da liberdade criativa e do “devoramento” da cultura estrangeira.

ETAPA 3

AUTOAVALIAÇÃO

VESTIBULAR UERJ/2009 (QUESTÕES ADAPTADAS)

Leia o poema de Mario Quintana e, em seguida, responda às questões.

Nesta etapa você estará sozinho. Seu professor irá monitorar o tempo e, após o seu término, irá comentar a resolução da questão com a turma.

O dia abriu seu para-sol bordado

O dia abriu seu para-sol bordado
De nuvens e de verde ramaria.
E estava até um fumo, que subia,
Mi-nu-ci-o-sa-men-te desenhado.

Depois surgiu, no céu azul arqueado,
A Lua – a Lua! – em pleno meio-dia.
Na rua, um menininho que seguia
Parou, ficou a olhá-la admirado...

Pus meus sapatos na janela alta,
Sobre o rebordo... Céu é que lhes falta
Pra suportarem a existência rude!

E eles sonham, imóveis, deslumbrados,
Que são dois velhos barcos, encalhados
Sobre a margem tranquila de um açude.

QUINTANA, Mario. Prosa e verso. Porto Alegre: Globo, 1978.

1. O autor utilizou nesse poema recursos formais da poesia tradicional e a eles incorporou traços característicos da linguagem modernista.

Assim sendo, **não** é correto afirmar que quanto à estrutura e quanto à linguagem tem-se, respectivamente:

- a. Emprego de rima e uso de linguagem coloquial.
 - b. Emprego de soneto e tentativa de reprodução na escrita do ritmo da fala.
 - c. Emprego de versos livres e uso de linguagem oral.
 - d. Emprego de versos metrificados e aproximação da linguagem poética à linguagem narrativa.
-
2. Marque com um X a única alternativa correta.
 - a. Nos versos “O dia abriu seu para-sol bordado” (1ª estrofe) e “E eles sonham, imóveis, deslumbrados” (4ª estrofe), há a personificação de “dia” e de “dois barcos velhos”, respectivamente.
 - b. O surgimento da lua, na segunda estrofe, sugere que anoiteceu.
 - c. A divisão silábica em mi-nu-ci-o-sa-men-te reforça a ideia de que alguém estava fazendo um desenho de forma detalhada, minuciosa.
 - d. O emprego do ponto de exclamação, na segunda e na terceira estrofe, expressa, respectivamente, os seguintes valores semânticos: surpresa/perplexidade e lástima/pesar.

Disponível em: http://www.vestibular.uerj.br/portal_vestibular_uerj/arquivos/arquivos2009/provas_e_padroes_respostas/provas/2009ed_lplb.pdf. Acesso em: 01 jan. 2013.

ETAPA OPCIONAL

PRODUÇÃO TEXTUAL

Escreva um pequeno parágrafo expondo a sua opinião a respeito do tema a seguir. Não se esqueça de apresentar argumentos consistentes para sustentar o seu posicionamento.

APRENDER A FALAR E A ESCREVER CORRETAMENTE É UMA FORMA DE GARANTIR A POSSIBILIDADE DE ASCENSÃO SOCIAL?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M.L., PONTARA, M.. **Literatura brasileira**: tempos, leitores e leituras. São Paulo: Moderna, 2005.
- ARANTES, D. et al. (Orientação: Prof. Dr. Orna Messer Levin). **Macunaíma**: um roteiro de leitura. IEL/UNICAMP. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/Macunaíma.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2013.
- CAMPEDELLI, S. Y.; SOUZA, J. B. **Literatura brasileira e portuguesa**: teoria e texto. São Paulo: Saraiva, 2000.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. **Literatura brasileira**. São Paulo: Atual, 2000.
- FARACO & MOURA. **Literatura brasileira**. 14. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 1998.
- HELENA, L. **Modernismo brasileiro e vanguarda**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

SUGESTÃO DE LEITURA PARA O ALUNO

- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 2001.

Nesta dinâmica, além de ler um fragmento deste livro, você pôde, na seção Caleidoscópio, saber um pouquinho mais sobre ele. Como vimos, **Triste fim de Policarpo Quaresma** é um importante romance do período chamado pré-modernista e materializa o embate, em diversos aspectos, entre dois momentos distintos da literatura brasileira.